



CONVENTO, IGREJA E CRUZEIRO: A PRESENÇA DA ORDEM FRANCISCANA EM ITU NO SÉCULO XVIII

Anicleide Zequini

Museu Paulista/MRCI/USP

ani.zequini@usp.br

Resumo

No final do século 17 a então Paragem do Ituguassú, atual cidade de Itu, SP passou a contar com a presença de um Convento fundado pelos Religiosos franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Sul do Brasil. O Convento de São Luiz de Itu teve a sua construção iniciada no ano de 1691. Neste mesmo século foram construídos em terrenos anexos a este Convento outras edificações: a Igreja de São Luís Bispo de Tolosa (1692) e, por volta de 1694, com a fundação da Ordem Terceira, a sua Igreja e Convento. Atualmente, todas estas edificações já desapareceram do cenário urbano local, restando apenas desta História Franciscana, um monumento construído com módulos de rochas de arenito e varvito, materiais existentes na região, entre os anos de 1793-1794. Pesquisas recente revelaram a sua autoria como sendo do Mestre Pedreiro Joaquim Pinto de Oliveira, o Mestre Thebas, reconhecido como um dos mais importantes de sua época.

Palavras Chaves: Ordem Franciscana; Cruzeiro Franciscano; Mestre Thebas

Itu: A Capital do Sertão

A Vila de Itu, entre finais do século XVII e ao longo do século XVIII passou a ter uma significativa importância dentro das rotas de povoamento e expansão para o interior da Capitania de São Vicente e, depois a de São Paulo. Entre os anos de 1732 a 1776, a localidade se constituiu como ponto estratégico entre o litoral e o interior e com marcante presença indígena e inserida na política religiosa portuguesa na América que “ansiava incorporar o chamado novo mundo na sociedade cristã” (SANTOS, 2004, p. 4).

Com a descoberta das minas de ouro em Cuiabá (1719) e aprimoramento das rotas de navegação fluvial, partindo do Porto de Ararituaba, O Porto Feliz das Monções, onde eram construídas as canoas e encontravam-se os mestres do estaleiro fluvial e seus operários que construíram as canoas com perobas da região, mas as atividades comerciais neste local



eram efêmeras e duravam apenas no período de embarque e desembarque. Mas era em Itu que elas se abasteciam e se organizavam com roupas, fazendas, ferramentas, armamentos, alimentos (ZEQUINI, 2004).

Sendo a última localidade de entrada para a Boca do Sertão e com desenvolvimento de uma certa infraestrutura, aqui também poderiam encontrar pessoas versadas no conhecimento daquelas rotas. Além de Itu, a porta de entrada para aquelas rotas, “A Boca” tudo ainda era um Sertão a ser explorado. Mas a dinâmica empreendida pelo intenso comércio de gêneros diversos e das riquezas trazidas das minas, transformou a localidade em meu entendimento na Capital do Sertão e, assim, concentrando toda a infraestrutura e logística necessária para todos aqueles que pretendiam empreender uma viagem ao interior e trazendo no retorno, recursos que foram incorporados a outras instâncias econômicas, como a expansão açucareira e nas inúmeras obras religiosas. Esta vocação de Capital do Sertão se prolongou até as primeiras décadas do século XIX, tendo a localidade servindo de ponto de apoio a organização das expedições científicas como a de Langsdorff, Saint-Hilaire, Emilio Zaluar, entre outros.

Ao longo do século XVIII, nota-se que a localidade passou por uma expansão da sua área urbana para além do núcleo inicial de povoamento concentrado em torno da primeira edificação religiosa a Capela de Nossa Senhora da Candelária (1610-1669), construída pelo fundador Domingos Fernandes e seu genro Cristovão Dinis.

Pode-se afirmar que Itu teve três edificações destinadas a abrigar a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária. A primeira delas, construída provavelmente de taipa de mão e coberta de palha, aos moldes da casa que possuía Cristóvão Dinis, genro de Domingos Fernandes, considerado também como o fundador da cidade, que em seu testamento deixou alguns bens para o patrimônio da Capela para que a mesma pudesse ser refeita com taipa de pilão e coberta de telhas (DINIS, IT, vol 41, p. 134).

Esta primeira igreja, abrigou a Primeira Matriz local até o ano de 1669, quando uma nova construção foi iniciada. Esta primeira igreja, ampliada em 1693, foi em 1797 Benta para se constituir um novo Padroeiro: O Bom Jesus, uma devoção datada na região de meados do século XVIII. Segundo o Livro Tombo de Santana de Parnaíba, em 1725 foi encaminhada



uma petição por Jose de Almeida Naves para a construção de uma Capela em devoção ao Bom Jesus em sua propriedade que estava localizada no Bairro de Pirapora e para tanto, ofereceu como dote para constituir o patrimônio parte de suas terras e dinheiro. Esta imagem do Bom Jesus, esculpida em madeira, foi encontrada as margens do Rio Tietê, junto a propriedade de Almeida Naves. Desde então, a localidade tornou-se uma referência regional de peregrinação e fé.

Em 1669 a segunda construção para a abrigar a Igreja Matriz já estava concluída, mas demolida em 1774. Entre os anos de 1774-1780 novamente a então Igreja do Bom Jesus passou a funcionar como Matriz. Mas, o que tudo indica, o projeto da atual Matriz (a terceira) concluída em 1780 sofreu interferência de vários grupos locais que se divergiam quanto a demolição e a construção da nova edificação.

Documentos encontrados no Arquivo da Cúria da Diocese de São Paulo, o Pedido de Licença para a Construção da Nova Matriz em 1770 e outro, o Auto de Marcação, este assinado pelo vigário da vara Manoel da Costa Aranha e datado de 1771, oferece algumas informações sobre a Vila e sua Igreja Matriz. Como argumento encaminhado para o pedido de Licença argumentavam que:

“a fazerem de novo a Igreja Matriz da mesma vila, em lugar diferente, pela antiga se achar muito arruinada com as paredes abertas que para se reparar será preciso tanto dinheiro como para a nova além disso a sua arquitetura muito informe e cheia de defeitos sem majestade nem formosura como se sequer nos templos do Senhor, e se também o lugar em que se acha pouco acomodado e pequeno para se fazerem com grandeza todos as obras e ofícios necessárias da mesma igreja, por cuja causa tem escolhido por voto e consentimento de todo o povo lugar conveniente no pátio em que se acha a igreja velha em um dos lados do dito Pátio cujo lugar é muito belo, e com capacidade para se fazer a dita igreja com muita grandeza e pompa para que assim possam celebrar nela com mais comodidade os ofícios divinos e se panteie mais a mesma majestade do Senhor ficando também a Vila muito mais vistosa por ficar todo o pátio livre e sem embaraços”

Esta Terceira Matriz, testemunho da acumulação da riqueza da economia local, considero como sendo uma obra da coletividade, pois foi construída, sobretudo, com recursos advindos



de doações pias, deixadas a partir de verbas testamentárias, atraiu um significativo contingente de artistas e artífices para a localidade que aqui deixaram os testemunhos de sua passagem, principalmente em forma de obras e imagens devocionais. Alguns deles, como Jose Patrício da Silva Manso, contratado por Maria Francisca Vieyra e de Jesuino de Paula Gusmão, o Padre Jesuino do Monte Carmelo, que edificou e decorou juntamente com seus filhos, a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, são considerados um dos principais artistas do século XVIII e para as primeiras décadas do século XIX a presença do ourives Thomaz da Silva Dutra, pai do ituano Miguelzinho Dutra.

A Presença da Ordem Franciscana e construção do Cruzeiro

A presença de um Convento Franciscano (casa habitada permanentemente por Frades) subordinado à Província da Imaculada Conceição em Itu teve sua construção iniciada em 1691 e finalizada em 1692, ainda no período em que a Igreja de Itu estava subordinada a administração de Santana de Parnaíba, do qual se tornou independente apenas em 1694. Esta autonomia eclesiástica possibilitou à Itu solicitar diretamente ao Bispado de São Paulo, criado em 1745, a nomeação de seus Padres Colados (permanentes) e condução de novas edificações religiosas.

As primeiras referências sobre a presença da Ordem Franciscana em Itu foram publicadas na década de 1950, tendo como autores Francisco Nardy Filho e o Frei Basilio Röwer. O primeiro deles certamente teve acesso a um conjunto significativo de documentos que pertenciam a Câmara Municipal da Vila de Itu, destruído por um incêndio na década de 1980. Já o Frei Basilio Röwer, aos arquivos da Província da Imaculada Conceição, o qual também tivemos acesso no ano de 2020.

A autorização para a instalação deste Convento foi dada pelo Ministro Provincial Frei Antônio do Vencimento e Sá (1691-1694). Na localidade estava o Padre Felipe de Campos, de Santana de Parnaíba, que veio residir com sua família em Itu e considerado um dos principais responsáveis pela vinda da Ordem na localidade. Foi ele o primeiro Padre Encomendado e, depois com a independência eclesiástica daquele local em 1694, passou a ser



o primeiro Padre Colado (de caráter permanente) da Matriz de Nossa Senhora da Candelária. Em 1722, a Paróquia foi elevada à categoria de Câmara Eclesiástica.

Um dos documentos de interesse para a presença da Ordem Franciscana, encontrados no Arquivo da Imaculada Conceição em São Paulo Tombo Geral vol. I fls. 92v, referente ao Histórico da Fundação apresenta o depoimento datado de 19 de março de 1743 pelo morador de Itu Bonifácio Álvares Pais, então com 84 anos. Bonifácio informou que o Padre Campos, havia se empenhado para a construção do Convento e, para tanto, envolveu alguns de seus parentes como Antônio Nunes Maciel, Manoel de Campos, o Capitão Francisco Cardoso, Pedro Correia, Capitão-Mor João de Anhaia Almeida, Francisco Leme da Silva e outros que “se juntaram”, dando “uns tabuados, outros paus e outros várias madeiras necessárias e outros acudindo com a assistência dos seus escravos ao pilar das taipas do Convento por este ser todo de barro”.

Como primeiros moradores deste Convento, segundo o mesmo depoimento, estavam o Padre Confessor e primeiro Guardiã Frei Antônio, conhecido como O Barão; O Padre confessor Frei Manuel conhecido como Capoeiro, Arquiteto que deu as medidas para a obra. Além do Padre Confessor Frei Manuel, conhecido como O Cativo e o Padre Pregador Frei Domingos, que posteriormente foi para o Convento de Santo Antônio na Cidade do Rio de Janeiro.

Ainda não encontramos referências sobre o Frei Manuel, o Capoeiro, arquiteto dos trabalhos, pois Bonifácio Alvares não forneceu todos os dados sobre este Frei. Também afirmou que tinha todas aquelas informações por ter conhecido a todos eles e, também, por ter participado de toda a construção daquele edifício.

Contudo, nada foi perguntado a ele sobre o Cruzeiro que ali já estava. Nardy Filho, em seu artigo intitulado O Grande Cruzeiro de Itu, publicado no jornal O Estado de São Paulo em 25 de março de 1954 p. 10, afirmava que o mesmo havia sido construído pelo Frei Antônio de Pádua, Guardiã daquele Convento em “comemoração da passagem do primeiro centenário da fundação deste Convento cujas obras começaram em 1692 e finalizadas em 1693”.



Frei Röwer, baseado em pesquisas documentais indica que a construção do Convento teve início em 1691 e em 1692 já estava concluída. Mas também nada escreveu sobre a construção do Cruzeiro, que parece ter sido parte integrante de um projeto construtivo da Ordem.

Carlos Gutierrez de Cerqueira, em pesquisa realizada no livro de Receitas e Despesa do Convento Franciscano de São Luiz, da Vila de Nossa Senhora da Candelária de Itu, datado de janeiro de 1795 em seu artigo Thebas em Itu sobre a autoria do Cruzeiro, publicado em 2017, destacou a participação do Mestre Thebas em mais uma obra de cantaria: o Cruzeiro Franciscano de Itu, o que abriu uma nova linha de investigação para este patrimônio cultural.

Analisando este mesmo Livro de Receitas e Despesas entre os anos de 1793 e 1828 e ampliando o foco para o entendimento de qual contexto socioeconômico e cultural que permitiu a sua construção e a presença de Thebas, observamos que o Frei Antonio de Pádua é por diversas vezes citado neste livro e aparece em 1793, como Presidente do Capítulo em substituição ao Frade Manoel da Natividade Teixeira. Cabia ao Presidente do Capítulo governar o Convento, quando houvesse indisponibilidade econômica ou prática da nomeação de um Guardiã. Mas, em 10 de outubro de 1793, Frei Antônio de Pádua assume como Guardiã do Convento de São Luiz em Itu e durante a sua presença como Guardiã deste Convento fez construir o Cruzeiro Franciscano.

Frei Basilio Röwer em seu trabalho Os Franciscanos no Sul do Brasil durante do século 18, dá importantes referências acerca do Frei Pádua. Segundo este autor ele era um religioso esmolero e o único brasileiro presente naquele Convento. Quanto aos recursos para a manutenção dos Conventos Franciscanos eram obtidos por doações e, segundo Röwer naquela mesma obra, os pedidos se estendiam até a região do Viamão, de onde provinham as tropas de muare para as feiras de Sorocaba, que transitavam pelo Caminho do Sul, o das tropas de tropeiros, aberto por volta de 1733.

Em 1793, Frei Pádua, depois de sua viagem a Viamão, voltou com uma “boa esmola de animais” e “querendo se cobrar por eles o imposto de 55\$250, o Convento reclamou e a junta concedeu a isenção em virtude dos alvarás régios” (Röwer, 1944, p. 56).



A venda destes animais foi efetuada pelo Capitão Américo Antônio Ayres, provavelmente nas feiras de Sorocaba, o qual pagou ao Frei Pádua em algumas parcelas no ano de 1795, valores que certamente foram utilizados para a construção do Cruzeiro. Mas, segundo os Livros de Receita e Despesa para o ano 1794, os preparativos para a construção do Grande Cruzeiro já haviam se iniciado, afinal haviam de preparar uma infra-estrutura como os andaimes, o carro de bois para o transporte.

Mas porque construir um Cruzeiro? Havia um outro mais efêmero? Algumas hipóteses podem ser levantadas: em 1794, o Convento estava comemorando o seu Centenário, mas também havia outro Centenário: o da Independência Eclesiástica da Matriz de Santana de Parnaíba.

Os dados encontrados no Livro de Receitas e Despesas para os anos de 1794 e 1795, indicam que, em julho de 1794, o Convento adquiriu 6 juntas de bois para os carros que iriam conduzir as pedras para a construção do Cruzeiro. Em outubro de 1794, foram realizados os pagamentos da condução das pedras (mas não informam de onde) e do Camarada Antônio de Souza (o condutor do carro de bois). Em dezembro de 1794, pagou-se 64#000 rs de jornais ao Mestre Pedreiro e ao Carpinteiro Manoel Thomé. Em janeiro de 1795, aparece o nome do Mestre Pedreiro Thebas que recebeu pelo seu trabalho 20#200 rs.

Mas, verifica-se também, que alguns materiais de construção destinados ao mesmo Cruzeiro, foram comprados em Santos, de onde Convento tinha uma ampla relação comercial. Pois observa-se que de lá vinham vinho, azeite, peixes, entre outros. Dos materiais de Construção: a Cal, ferro e Chumbo.

Em janeiro de 1795 foram comprados em Santos e trazidos pelo Camarada Joaquim de Sá, o seguinte:

20 alqueires de cal – 3#200

8 arrobas e 17# de ferro – 14#091

1 arroba e 1# de chumbo – 2#475

Em fevereiro de 1795, foram pagos 27 e ½ dias de jornais que foram pagos ao Mestre Thebas pelo trabalho de seu escravo João e adquiridos 4# de aço. Já em março pagou-se 38#400, uma



expressiva importância ao Mestre Pedreiro, talvez restante de seus serviços. Mas também foram pagos a vários camaradas que “fizeram os andaimes para levantar a Cruz” e adquiridas ferramentas como Berrumas, formões e Goivas para os trabalhos de carpintaria.

Mas, uma das anotações encontradas no respectivo livro de Receitas e Despesas para este mesmo mês de fevereiro de 1795, registrou a compra de pimenta, cominho e uma dúzia de rosários de coco para os negros, além de uma encomenda ao Rio de Janeiro da confecção de Dalmáticas roxas e de dois títulos (rótulos/legendas) de cobre para o Cruzeiro. Indicando os preparativos e festividades para a sua inauguração, que pode ter ocorrido em janeiro de 1795. Assim puderam celebrar o Centenário da instalação do Convento Franciscano, mas também o fato da Paróquia se tornar Independente de Santana de Parnaíba.

Pesquisas sobre a presença de Joaquim Pinto de Oliveira Thebas, como a de Nuto Sant’Anna em seu artigo Subsídios inéditos para a reconstrução da personalidade do celebre Architecto paulista do século 18, publicado no Jornal O Estado de São Paulo em 25 de agosto de 1935, informa que entre os anos de 1746 a 1755 recebeu a sua alforria, em 1769 era Mestre Pedreiro e já havia realizado várias obras em São Paulo, como o Chafariz da Misericórdia (1791), afirmando em um outro artigo intitulado Um Pedreiro Notável no mesmo jornal O Estado de São Paulo em 9 de agosto de 1936, que a assinatura de Joaquim Pinto de Oliveira com o acréscimo Thebas, pode ser encontrada apenas após o ano de 1791, quando ele se torna Mestre do Ofício de Pedreiro.

Em um documento recentemente encontrado nos Arquivo Ultramarino de Portugal, para o ano de 1791, o encontramos já exercendo o ofício de Mestre Pedreiro, na avaliação das Obras do novo Quartel da Legião de Voluntários Reais da cidade de São Paulo que fora construído no ano de 1790 e assinando Joaquim Pinto de Oliveira Thebas. Cabia ao Mestre Pedreiro avaliar toda obra de pedreira, jornais dos Mestre e dos serventes, despesas dos materiais. Cal, saibro, areia e telhados, entre outros. Este documento também nos revelou a presença de José Patrício da Silva Manso, como Mestre de Pintura, que também se encontrava como avaliador desta obra, cabendo a ele avaliar as portas, as pinturas das portas, os jornais dos Mestre e serventes e as despesas com óleo e tinta.



Mas, o que nos diz este encontro: várias hipóteses nos fazem refletir sobre a possível relação de amizade entre estes Mestres, incluindo aí o Padre Jesuíno do Monte Carmelo: os três são artistas negros, os três trabalharam juntos em meados do século XVIII na Capela da Ordem Terceira do Carmo em São Paulo. Em 1780 Jesuíno e Jose Patrício estavam em Itu executando os trabalhos da terceira Matriz e Thebas para cá veio em 1794/1795. Relações de amizade possivelmente ligam estes artistas.

A handwritten signature in black ink on a light background. The signature reads 'Joaq. Pinto de Oliveira Thebas' in a cursive script.

Assinatura do Mestre Pedreiro Joaquim Pinto de Oliveira Thebas – 1791

A handwritten signature in black ink on a light background. The signature reads 'Jose Patricio da Silva Manso' in a cursive script.

Assinatura do Mestre em Pintura – Jose Patricio da Silva Manso - 1791

No início do século XX, Francisco Mariano Costa Sobrinho, em um artigo intitulado Cruzeiro publicado no Almanach histórico, biográfico indicativo da Comarca de Ytu para o ano de 1910, o descreveu da seguinte forma:

“Esse monumento está circundado por um retângulo de nossas pedras de laje (assim era denominada a rocha de Varvito de Itu), tendo a frente duas colunas representando uma o báculo e outra a mitra comprovando assim que nessa mesma ocasião fosse inaugurado. Tanto as colunas como o cruzeiro são de trabalho primoroso, artístico e com pericia executados em pedra de cantaria. Mede mais ou menos de cinco metros de altura sob três metros quadrados de base. Tudo progride, tudo segue sua marcha natural e como não avaliar do talento artístico desses nossos antepassados que poucos conhecimentos tinham das artes em vista de hoje? ”.



Embora o autor não tivesse maiores informações sobre este Monumento ele o descreveu como uma testemunha ocular. O que leva a afirmar que ainda nas primeiras décadas do século XX, os elementos que Miguelzinho Dutra registra em sua aquarela pintada em 1845 e que compunham este Monumento ainda estavam presentes. Provavelmente foram removidas em 1914, quando foram realizadas reformas, por estar o mesmo “abandonado por tantos anos” (Jornal Republica de Itu em 27 de setembro de 1914 p, 3).



Largo de São Francisco em Itu – Aquarela Miguelzinho Dutra. 1845

Da esquerda para direita Convento e Igreja da Ordem Terceira; Igreja de São Luiz Bispo de Tolosa e o Convento Franciscano.

Por meio desta pintura documental de Miguelzinho Dutra, em 1845, observa-se a presença de duas Colunas que foram indicadas por Francisco Mariano como: a da esquerda, apresentando a figura que parece ser o Báculo, simbolizando a missão dos Bispos e, a direita, está a Mitra, chapéu alto usado também pelos Bispos. Esta evidencia nos permite pensar algumas hipóteses que ainda merecem serem pesquisadas.

O Conjunto que se via em 1845, data em que Miguelzinho pinta a aquarela, já com os acréscimos no entorno do Cruzeiro (Colunas e esta pequena calçada) indicam que o Monumento era um resumo simbólico das Comemorações de alguns Centenários relacionados



com a História da presença da Ordem Franciscana na localidade. Em 1794 se comemoravam os Centenários da Ordem Franciscana na localidade, mas também, o Centenário da Independência Eclesiástica de Santana de Parnaíba e, com isso, a nomeação do primeiro Padre Colado Felipe de Campos, que parece ter sido o grande mentor da vinda da Ordem. Em 1845, o Centenário da Criação do Bispado de São Paulo e daí os símbolos do bispado como o Báculo e da Mitra, incorporados ao agora ao Patrimônio da Cidade. O que indica que Miguelzinho o estaria pintando no ano em que estes acréscimos foram colocados junto ao Cruzeiro.

Do conjunto de edifícios restou apenas o Cruzeiro Franciscano. O edifício do Convento ficou em ruínas após um incêndio ocorrido no ano de 1907. Nesta época a edificação estava alugada para servir de depósito de algodão para a Fábrica de Tecidos São Luiz. As outras edificações foram sendo demolidas nas primeiras décadas do século XX para dar lugar a expansão daquela mesma fábrica.



Aspecto do Cruzeiro e do Convento de São Luiz, em ruínas após o incêndio.



Da esquerda para direita: Convento e Igreja da Ordem Terceira e Igreja de São Luiz

Bibliografia:

Almanach histórico, biográfico indicativo da Comarca de Ytu para o ano de 1910. Itu: Typ. São Jose p. 133.

CERQUEIRA, Carlos Gutierrez. Thebas em Itu: sobre a autoria do Cruzeiro. Revista Vitruvius, ano 11, mar. 2017. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/search/arquitetismo?query=Carlos+Cerqueira>. Acesso em 22 dez 2021.

CONTAS do Governador e Capitão General – São Paulo 1791 – AHU-ACL-CU-023-01, cx. 40 doc. 3308C1.

FERREIRA, Abílio (org). Thebas: um negro arquiteto na São Paulo Escravocrata. Disponível em <https://www.causp.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/Livro-Tebas.pdf>. Acesso em 12 dez 2021.

LIVRO de Receita e Despesa do Convento franciscano de São Luiz, da Vila de Nossa Senhora da Candelária de Itu 1793 e 1828. Arquivo da Província Franciscana.

NARDY FILHO, Francisco. O Grande Cruzeiro de Itu. Jornal O Estado de São Paulo, 25 mar. 1954

RÖWER, Basilio, Os Franciscanos no Sul do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1944.



_____. Páginas de História Franciscana no Brasil. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda., 1941.

SANT'ANNA. Um Pedreiro Notável. Jornal O Estado de São Paulo. 09 ago. 1936.

SANTOS, Shirley dos. Vila de Itu: A Crisandade na Boca do Sertão (1732-1776). 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo.

_____. Thebas – Subsídios inéditos para a reconstrução da personalidade do celebre Architecto paulista do século XVIII. Jornal O Estado de São Paulo 25 ago. 1935.